

Apresentação

Em uma de suas entrevistas, o poeta Oswald de Camargo afirmou que “Gritos de Angústia” não é o seu melhor trabalho, embora seja, infelizmente, ainda relevante. Seu texto tenta traduzir a sensação de ser um homem negro na sociedade brasileira, onde o racismo e o preconceito nunca tenham sido disfarçados. Quando li o poema pela primeira vez, me espantei com sua contundência, seu modo de buscar as palavras certas para emergir à cultura preta como um sentimento. O choque, sobretudo, aconteceu a partir da repetição do trecho que diz “Meu coração pode mover o mundo”. Não há dúvida na voz do eu lírico, mas uma revolta engolida, como se tal poder, mesmo roubado pelos séculos de escravidão, permanecesse como seu modo de sobrevivência. O grito entalado precisa sair.

No decorrer do poema, Oswald não procura dar uma forma única ao som do seu interior. Em vez disso, adapta o conteúdo à forma, como se as palavras, tão limitadas para traduzir o verdadeiro horror, também fossem suas jaulas: gritar no papel não basta para se fazer justiça ao povo negro porque eles não puderam escrever a História.

Por alguns meses, essa impressão ficou comigo. Até que em 2024, durante a oficina de dramaturgia do Espaço Garganta, em São Paulo, os coordenadores apresentaram as questões de gênero, raça e linguagem como tema para o desenvolvimento dos textos. Na tentativa de converter esse universo em uma cena curta, puxei o poema de Oswald de Camargo como meu mapa de criação. Para mim, escrever um texto que desse conta do sofrimento, do racismo, do preconceito e da angústia diária que as pessoas pretas vivem se tornava um exercício metalinguístico direto, uma vez que a dificuldade não se dava

¹ Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: leonarddosimoes@gmail.com

meramente pelas travas comuns a qualquer processo criativo, mas em como usar o próprio poema em cena. Ou seja, o “grito de angústia” de Oswald de Camargo, talvez, não possa ser encenado, tensionando ainda mais cada uma das tentativas. Afinal, o fracasso dos dois personagens do meu texto está, justamente, em não criar a barreira que separa a ficção da realidade, a fantasia da afronta direta, o trauma da cura. O exercício do ator e do diretor está na repetição como método: quantas vezes um ato racista deve ser passado a limpo? Lembrar de um crime serve a quem? Como resposta, os dois personagens abraçam a poesia de Oswald de Camargo até que, ao final, quando um deles fala à plateia “eu sei um grito de angústia. quer ouvir?” possa existir espaço para a convergência da linguagem teatral e poética entre autor e atores, entre ficção e realidade, entre memória e presente. Entre perdão ou sentença.

O TEXTO

Personagens:

Dois artistas negros, sendo um preto retinto, outro não.

PRIMEIRA TENTATIVA

Entrando em cena, o ator fica sem jeito com a presença da plateia.

Depois de um tempo, admite:

ATOR – Eu esqueci o texto. *(nervoso)* Caramba, eu esqueci o texto. Peraí...

(se lembrando) “Dê-me a mão. Meu coração pode mover o mundo com uma infestação” /

DIRETOR – Pulsação!

O ator olha uma cola escrita em uma das mãos.

ATOR – Pulsação! Isso. “Dê-me a mão. Meu coração pode mover o mundo com uma pulsação”. *(pausa)* Nessa hora eu acho que vou falar que se trata do poema de um escritor brasileiro pouco explorado, contar o processo/

DIRETOR *(interrompendo)* – Cara...

ATOR – Falar do processo é importante

DIRETOR *(interrompendo)* – Ninguém tá nem aí pro processo.

ATOR – Mas eu quero encontrar um novo jeito de dizer as palavras/

DIRETOR – O ator precisa saber o texto. Só isso. Não ficar botando caco...

ATOR – Não é caco. Me deu um branco antes, mas agora já me achei. Aliás, eu acho engraçada essa expressão – “deu branco” – pra dizer que algo foi apagado, esquecido, *(cada vez com mais ênfase)* extinto, liquidado, morto, sumido/

DIRETOR *(interrompendo)* – Não temos a noite toda, tá?

ATOR – O texto! Eu vou lembrar. Peraí, deixa eu/

O ator olha uma cola escrita que está em uma das mãos.

DIRETOR *(interrompendo)* – “Dê-me a mão. Meu coração pode mover o mundo...”

ATOR *(completando)* – “...porque é o mesmo coração dos congos, bantos e outros desgraçados.” *(pausa)* Muito forte esse trecho! O autor vai se comparar a tanta gente que foi apagada/

DIRETOR – Dê-me a mão. Meu coração pode mover A PORRA do mundo...

ATOR – Calma! *(pausa)* A gente tá construindo, testando a coisa toda aqui. Calma! *(pausa)* Esse texto/

O diretor se desarma, torna-se mais compreensivo:

DIRETOR – “Gritos de angústia”.

ATOR – Isso, “Gritos de angústia”. Ele me atravessou, chegou num ponto esquisito. Num sei. Quer dizer, eu sei. Eu tento dizer o texto, mas ele parece uma coisa entalada, entende?

DIRETOR – É um texto difícil. Nosso trabalho é... esse. Achar a imagem do texto!

ATOR – Ok. Mas como definir esse um grito de angústia? Tipo, como uma dor que já foi poema, agora pode ser teatro? Nesse caso, tem diferença entre ator e autor?

Os dois personagens se movimentam pelo espaço, começando a próxima cena.

SEGUNDA TENTATIVA

ATOR – Sabe, eu fiz um curso de teatro, uma oficina em que o exercício era escrever algo curto, a partir de uma experiência pessoal. Daí, eu pensei nisso aqui:

O personagem do chefe deve ser interpretado pelo mesmo ator que interpreta o diretor.

ATOR (*empolgado*) – Eu trabalhei numa agência de moda. Um dia a gente foi fazer um casting pra gravar um comercial, né? No meio da reunião, meu chefe disse assim:

CHEFE – Olha, os argentinos/

ATOR – (*explicando para a plateia*) – Era um comercial para a América Latina.

CHEFE – Olha, os argentinos são muito racistas. Então não pode ser um elenco **todo negro**. Pode ter, no máximo, um pardinho. Entendeu?

O ator fica desconfortável:

CHEFE (*apontando para o ator*) – Tipo você.

(pausa)

ATOR (*abalado*) – Daí, eu fiz uma pesquisa de elenco. Trouxe alguns modelos, mas tinha um cara que era perfeito pro job. Lindo! Eu apresentei as fotos, né? Do elenco. Aí meu chefe:

CHEFE – Hum. Esse é bom. Esse também... Esse não! (*pausa*) Esse tá muito maninho.

ATOR – Maninho? Maninho ficou na minha cabeça. O que é um maninho?

TERCEIRA TENTATIVA

ATOR – Maninho? Maninho ficou na minha cabeça. O que é um maninho?

DIRETOR –Tinha mais gente junto de vocês, né? O que você tem a dizer para as pessoas que estavam lá?

ATOR (*sóbrio*) – Isso aqui:

“Eu conheço um grito de angústia,
e eu posso escrever este grito de angústia.

Eu posso berrar esse grito de angústia”.

Querem ouvir?

Novamente, os dois personagens se movimentam pelo espaço e recomeçam:

DIRETOR – Maninho ficou na minha cabeça. O que é um maninho?

ATOR (*debochado*) – Hum... Me deu branco!

Novamente, os dois personagens se movimentam pelo espaço e recomeçam:

DIRETOR (*com fúria*) – Eu acho engraçada essa expressão “deu branco” pra dizer que algo foi apagado, esquecido, posto de lado, impedido de fazer alguma coisa, de ter um trabalho...

ATOR – Maninho ficou na minha cabeça. O que é um maninho?

De repente, os dois personagens param de andar pelo recinto. Há uma quebra do ritmo abrupta:

DIRETOR – Espera aí. *(chama o ator pelo nome)* Isso aí da agência... aconteceu mesmo?

Ouve-se risos, como se alguém estivesse debochando do autor.

Os gritos ficam intensos, quase insuportáveis e param de repente.

ATOR – Para fazer teatro, isso tem importância? Tipo, tudo é mentira no teatro, né? Tudo é inventado. Personagens não existem. Ou as pessoas precisam saber das minhas memórias pessoais para compreender o que tá rolando? Representatividade não pode se sobrepôr à representação. Cadê a beleza? Porque se for assim, a gente precisa fundar um novo gênero. Um sub-gênero, na verdade. Quem sabe, um sub-gênero do “Teatro do Absurdo”. E se a gente fizesse a encenação de um preto enterrado até o pescoço dizendo esse poema? Enterrado numa montanha de pneu. Inclusive, o nome pode ser “Dias Comuns”.

DIRETOR – É uma imagem dramatúrgica boa. Cê prefere que seja assim, *(chama o ator pelo nome)*?

ATOR – Não, não... viajei. Não é uma boa referência. Tô meio... sem confiança. E cê já mexeu muito no texto.

DIRETOR *(sóbrio)* – E eu acho que a gente vai continuar mexendo. Tem que sangrar!

ATOR – É. A gente não sangrou o suficiente, né?

DIRETOR – Imagem, cara. Qual é a imagem do texto?

ATOR *(um pouco nervoso)* – Imagem?

DIRETOR – É. A imagem, a palavra sem pele. Entende?

ATOR – Maninho.

DIRETOR – Maninho. O que é um maninho?

ATOR – Ser ou não ser?

DIRETOR (*debochado*) – Por acaso, em teu caso, trata-se de questão? Não, não... É só um preço. Diga o texto!

Em um movimento circular, ator e diretor duelam pelo tablado:

ATOR – Não posso! Não consigo! Eu não consigo dizer esse texto!

DIRETOR – Não há opção de ficar calado. Não para um ator. Diga o texto!

ATOR – O texto! Eu esqueci o texto!

DIRETOR – Há textos que não podem desaparecer da memória.

ATOR – “Não lamentaria se fosse esquecido”.

QUARTA TENTATIVA

Escutamos a voz de Osvaldo de Camargo, poeta brasileiro e autor de “Gritos de Angústia”:

OSWALDO – “Eu sou, por deliberação, um escritor. Eu deliberei, a partir de certo momento da minha vida, ser escritor. A despeito de saber que isso não me daria possibilidade nenhuma de eu viver como escritor. Mas, a par do que desejo ser, sou escritor. Como você está vendo muito bem, eu sou um negro. (*o personagem do ator começa a falar junto da fala do escritor projetada em cena*) Quando comecei a escrever, quando era seminarista, já havia passado por algumas situações de preconceito e digo mais, até de

racismo. Porque os seminários aqui de São Paulo, naquele tempo, não aceitavam crianças pretas para seguirem a vocação sacerdotal. Os motivos sempre eram ‘porque a sociedade não entende’. Até que nós deixaríamos um menino preto seguir a carreira, mas a sociedade não entende.”

QUINTA TENTATIVA

ATOR – “Você escolheu um trecho de ‘Gritos de angústia’, que espantosamente continua sendo lido. *(com pausas)* Não lamentaria se fosse esquecido”. Eu li isso no prefácio do livro que você me deu, o que tem o poema. Foi o autor que escreveu. Por que esse homem queria que o texto dele fosse esquecido?

DIRETOR – Foda, né? Eu vi um vídeo pro processo aqui da cena onde ele conta que antes de começar a escrever, tentou ser padre. Mas naquele tempo os seminários aqui de São Paulo não aceitavam crianças pretas. Segundo ele, os motivos eram os de sempre: “a sociedade não entende”. *(pausa)* Eu sei bem como é isso. Vivi uma coisa assim. Quando tentei entrar em uma escola daqui da cidade.

ATOR – Então, tem diferença? Tipo, entre autor e ator?

DIRETOR – Tem. Se o ator for você e o autor for eu, a diferença para qualquer artista branco é de uma vala. Sempre.

ATOR – Vala é palavra. *(pausa)* Maninho ficou na minha cabeça. Mas “não lamentaria se fosse esquecido”.

DIRETOR – Sabia que tem um “u” bem no meio da palavra “linguagem”? Que nem na palavra “angústia”?

ATOR – Agora eu sei o que você quer dizer. LINGUAGEM É ANGÚSTIA! Pra nós, sempre vai ser assim, não é? Não dá pra escolher, não existe “ser ou não ser”. “Maninho”

ficou na minha cabeça! A escola ficou na sua. A cena, o grito! Tudo! Por que a gente não consegue mover A PORRA do mundo?

DIRETOR – Porque ainda “dá um branco” em muita gente.

SEXTA TENTATIVA

Escutamos a voz de Osvaldo de Camargo, poeta brasileiro e autor de “Gritos de angústia”:

OSWALDO – “Eu sabia para quem eu estava falando. Então, quando eu escrevi com 19 anos “Grito de angústia”... Dê-me a mão. Meu coração pode mover o mundo com uma pulsação. Eu tenho dentro em mim anseio e glória, que roubaram aos meus pais. Meu coração pode mover o mundo. *(o personagem do diretor começa a falar junto da fala do escritor projetada em cena)* Porque é o mesmo coração dos congos, bantos e outros desgraçados. É o mesmo. É o mesmo coração dos que são cinzas. E dormem debaixo da Capela dos Enforcados. É o coração da mucama, e do moleque. Eu conheço um grito de angústia, eu posso escrever esse grito de angústia, eu posso berrar esse grito de angústia. Quer ouvir?”

Em um movimento circular, ator e diretor duelam pelo tablado:

ATOR – Não posso! Não consigo! Eu não consigo dizer esse texto!

DIRETOR – Não há opção de ficar calado. Não para um ator. Diga o texto!

ATOR – O texto! Eu QUERO ESQUECER O TEXTO!

DIRETOR – Há textos que não podem desaparecer da memória.

ATOR – “Não lamentaria se fosse esquecido”.

SÉTIMA TENTATIVA

Os personagens caminham pelo espaço.

Depois de um tempo, o diretor admite:

DIRETOR – Eu esqueci o texto. Caramba, eu esqueci o texto. Peraí...

O diretor olha uma cola escrita em uma das mãos.

ATOR – Dê-me a mão. Meu coração pode mover A PORRA do mundo...

Agora, o ator e o diretor caminham mostrando as palmas das mãos onde se lê: “Dê-me a mão”.

DIRETOR – “Eu conheço um grito de angústia,
e eu posso escrever este grito de angústia. Eu posso berrar esse grito de angústia”.
(pausa) Querem ouvir?

Blackout

Submetido em: 06 dez. 2024

Aprovado em: 07 ago. 2025